

A PEDRA MOABITA E A RELIGIÃO DE MOABE

*Elias Brasil de Souza*¹

RESUMO

Descoberta em 1868, a Pedra Moabita, também conhecida como Estela de Mesa, permanece o testemunho epigráfico mais extenso sobre o antigo reino de Moabe. Este documento de 34 linhas é uma inscrição comemorativa em que o rei Mesa relata suas obras de construção e sua vitória sobre o inimigo israelita da dinastia Omrida, que por algum tempo havia oprimido a Moabe. Embora haja muitos elementos ortográficos, gramaticais e históricos dignos de discussão neste texto, o presente trabalho se limita a identificar e analisar algumas idéias religiosas inferidas da Pedra Moabita para compará-las com a religião normativa de Israel, refletida nos textos da Bíblia Hebraica. Idéias religiosas neste artigo são definidas como conceitos e percepções humanas da divindade ao situar as ações do deus ou deuses no contexto do culto, da terra e da guerra.

ABSTRACT

Discovered in 1868, the Moabite Stone, also known as Mesha Stele, remains the most extensive epigraphic testimony of the old kingdom of Moab. This document of 34 lines is a commemorative inscription on which King Mesha reports his construction works and his victory over the Israelite enemy of the Omride dynasty. Although there are many orthographic, grammatical and historical issues worthy of discussion in this text, the present article limits

¹ Dr. Elias Brasil de Souza, Ph.D Antigo Testamento, professor e reitor do SALT/IAENE.

itself to identify some religious ideas inferred from the Moabite Stone in order to compare them with the normative religion of Israel, reflected in the Hebrew Bible. Religious ideas in this article are defined as concepts and human perceptions of the deity in the context of cultus, land and war.

INTRODUÇÃO

Descoberta em 1868, a Pedra Moabita, também conhecida como Estela de Mesa, permanece o testemunho epigráfico mais extenso sobre o antigo reino de Moabe.² Este documento de 34 linhas é uma inscrição comemorativa em que o rei Mesa³ relata suas obras de construção e sua vitória sobre o inimigo israelita da dinastia Omrida, que por algum tempo havia oprimido a Moabe. Embora haja muitos elementos ortográficos, gramaticais e históricos dignos de discussão neste texto, o presente trabalho se limita a identificar e analisar algumas idéias religiosas inferidas da Pedra Moabita para compará-las com a religião normativa de Israel, refletida nos textos da Bíblia Hebraica. Idéias religiosas neste artigo são definidas como conceitos e percepções humanas da divindade ao situar as ações do deus ou deuses no contexto do culto, da terra e da guerra.

PERCEPÇÃO DA DIVINDADE

A primeira noção religiosa que emerge do texto em estudo é a noção de Quemosh¹ como o deus nacional de Moabe. Esta divindade é conhecida dos tablettes de Ebla (c. 2400 a.C.),⁴ sendo também refletida em topônimos como Carquemis.⁵ O rei Mesa se apresenta como “filho de Quemoshyat” - nome teofórico em referência ao

² Para conveniência do leitor, incluiu-se uma tradução texto da Pedra Moabita no final deste artigo.

³ Nomes próprios que ocorrem na Bíblia seguem a versão Almeida Revista e Atualizada, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

⁴ J. R. Kautz, III, “Moab,” *The International Standard Bible Encyclopedia*, rev. ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 3:395.

⁵ Gerald L. Mattingly, “Moabite Religion and the Meshah Inscription,” in *Studies in the Mesa Inscription and Moab*, ed. John Andrew Dearman (Atlanta, Ga.: Scholars Press, 1989), 211-238.

deus Quemus - e reivindica ter contruído um “lugar alto” (*bmt*) para esta divindade. Na sequência do texto, menciona-se Quemus como aquele que salvou Mesa de reis e inimigos. Não obstante, Quemus também é retratado como tendo abandonado a terra de Moabe às mãos dos inimigos, pois a opressão de Moabe por Israel é atribuída à ira de Quemus contra seu povo.

Finalmente, Quemus retorna à terra e ordena a Mesa marche contra os inimigos, dando a vitória ao rei moabita. O proativo papel de Quemus na Pedra Moabita indica a proeminência desta divindade na religião oficial de Moabe.⁶ As conexões com a religião israelita emergem claramente, pois a representação de Quemus na Pedra Moabita evoca alguns traços bem peculiares da percepção de YHWH refletida na Bíblia Hebraica. (1) A divindade é honrada pela dedicação de um espaço sagrado. (2) A divindade é retratada como livrando o rei das mãos dos inimigos. (3) A divindade se envolve nas campanhas militares. (4) A divindade, irada, pode abandonar a terra às mãos de adversários. Em suma, representa-se a Quemus, a exemplo de YHWH, como agindo na história de seu povo.

PERCEPÇÃO DO CULTO

A primeira alusão ao culto aparece na declaração de Mesa: “eu fiz este lugar alto (*bmt*) para Quemus. O termo semita *bmt* (lugar alto) originalmente significava as costas ou lombo de um animal e posteriormente foi aplicado a uma elevação ou colina.⁷ De acordo com a descrição da Bíblia Hebraica, o lugar alto continha uma tenda ou compartimento no qual os instrumentos cúlticos eram armazenados. Ali realizavam-se atividades cúlticas específicas tais como sacrifício, refeição, oração, prostituição e sacrifício infantil.⁸

⁶ Tal percepção da divindade define-se como monolatria ou henoteísmo, pois indica a adoração de um deus nacional sem rejeitar a existência de outras divindades.

⁷ Elmer A Martens, “hmb,” *Theological Wordbook of the Old Testament*, electronic ed. (Chicago: Moody Press, 1999), 113; Walter A. Elwell e Philip Wesley Comfort, *Tyndale Bible Dictionary* (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2001), 604.

⁸ Martens, “hmb,” *Theological Wordbook of the Old Testament*, 113. Cf. 1 Rs 12:31; 13:32; 2 Rs 17:29; 23:19.

Outra alusão ao culto aparece na enigmática expressão $\text{'}r'l dwdh$, que Mesa removeu da cidade de Atarote para a presença de Quemos em Queriote (l. 12). Após mais de cem anos de pesquisa, o significado de $\text{'}r'l dwdh$ ainda permanece incerto.⁹ Poderia denotar homens valentes ou alguma espécie de objeto cùltico, como, por exemplo, um altar. A primeira opção parece pouco provável, pois o todos os habitantes de Atarote foram destruídos. Resta a opção favorecida pela maioria dos pesquisadores de que $\text{'}r'l$ seria um objeto cùltico, possivelmente um altar. Esta possibilidade torna-se bastante provável devido a menção dos vasos (*kly*) de YHWH (ll. 17-18),¹⁰ que na destruição de Nebo, foram subtraídos desta cidade e levados à presença de Quemos. As situações paralelas parecem indicar objetos cùlticos correlacionados. Ademais note-se ainda que o termo $\text{'}ari'el$ aparece em Ez 43:15, 16 para designar o altar de holocausto do futuro templo. Portanto, presume-se que o significado do vocábulo $\text{'}r'l$ seja “altar” ou “altar-pilar.”¹¹

Todavia, ainda é necessário determinar significado do termo *dwdh* na frase $\text{'}r'l dwdh$. Esta última palavra constitui-se em um grande desafio do ponto de vista filológico. O *h* final em *dwdh* pode ser entendido como aformativo feminino de uma divindade ou o sufixo possessivo de uma divindade masculina. Se *dwdh* fosse divindade feminina a frase completa indicaria o altar da deusa *dodah*. O problema com esta interpretação é que não existe no panteão semítico uma divindade com este nome. Se o *h* for interpretado como sufixo possessivo feminino afixado a uma suposta divindade masculina *dwd* (i.e. “o altar do *dwd* dela”), surge um problema de ordem gramatical. Seria extremamente incomum que um nome próprio fosse modificado por um pronome possessivo.

⁹ O termo $\text{'}r'l$ ($\text{'}ari'el$) aparece várias vezes na Bíblia Hebraica e pode significar a cidade de Jerusalem (Is 29:1, 2 e 7), o altar (Ez 43:15, 16) e homens valentes (Is 33:7). O mesmo vocábulo ainda ocorre em 2 Sm 23:20 (par. 1 Cr 11:22) para denominar heróis moabitas.

¹⁰ Note-se que a vocábulo *kly* (vasos) está em um segmento danificado da inscrição e apenas *ly* pode ser lido claramente. Os pesquisadores presumem que originalmente havia um *k* na linha anterior, o que sugere a leitura reconstruída *kly* (vasos).

¹¹ Francis Brown, Samuel Rolles Driver and Charles Augustus Briggs. *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. electronic ed. (Oak Harbor: WA: Logos Research Systems, 2000), s.v. $\text{'}ari'el$.

Em vista das dificuldades supra mencionadas, cabe examinar a sugestão oferecida pelo epigrafista André Lemaire. Este pesquisador traduz o termo *dwd* em seu sentido comum de “amado.”¹² A tradução da frase *r^cl dwdh* ficaria assim: “o altar do amado dela [i.e. da cidade de Atarote].” Assim, o termo *dwd* funciona não como nome próprio, mas como epíteto da divindade adorada pelos habitantes de Atarote. Como esta cidade era habitada por israelitas, é possível que o “amado” fosse uma adjetivação de YHWH.

PERCEPÇÃO DA TERRA

A noção de Quemos como o patrono da terra de Moabe emerge na declaração de que esta divindade abandonara a terra aos inimigos de Moabe. Embora de forma implícita, a noção subjacente é de que a terra era uma dádiva da divindade ao seu povo. Se por alguma razão o povo fosse infiel, a divindade irada poderia abandonar a terra aos inimigos. Nota-se também que o rei Mesa afirma ter recebido ordem de Quemos para que retomasse algumas cidades que supostamente estavam nas mãos dos israelitas.

Afirma-se que a terra de Medeba, quarenta anos ocupada por Israel, foi restaurada por Quemos ao seu povo (Il. 8-9). Embora no caso da conquista de Atarote não haja nenhuma referência explícita a mandato ou intervenção divina, o texto não deixa dúvidas de que a cidade foi tomada para Quemos: “Mas eu pelejei contra a cidade [i.e. Atarote] e a tomei. Eu matei todo o povo da cidade como satisfação para Quemos e para Moabe.” (Il. 11-12). Em seguida menciona-se que o rei capturou o *r^cl dwdh*¹³ o trouxe diante de Quemos em Quiriat. (Il. 12-13). Já com relação a Nebo, existe uma clara ordem da divindade para que Mesa a capturasse: “Então Quemos disse a mim: ‘Vai e toma Nebo de Israel.’ Portanto, Eu parti durante a noite e pelejei contra ela desde o romper da manhã até o meio dia. Eu a tomei. Eu matei a todos eles, sete mil homens e estrangeiros residentes, mulheres e estrangeiras residentes e escravas. Pois eu

¹² André Lemaire, “‘House of David’ Restored in Moabite Inscription,” *Biblical Archaeology Review* 20/3 (Março/Abril 1994). Logos electronic ed. Cf. Francis Brown, Samuel Rolles Driver and Charles Augustus Briggs. *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. electronic ed. (Oak Harbor: WA: Logos Research Systems, 2000), s.v. דוד.

¹³ A vocalização e significado desta expressão permanecem incertos.

a havia devotado à destruição para Astar Quemos. Eu tirei de lá os vasos de YHWH e os trouxe diante de Quemos” (II. 14-18). Posteriormente, menciona-se que Yahas, construída pelo rei de Israel, foi conquistada pelo próprio Quemos com a colaboração de Mesa e anexada a Dibon (II. 19-21). Finalmente, Quemos ordenou a Mesa que tomasse a Auronen, o que uma vez realizado, permitiu a Quemos estabelecer residência nesta cidade.

Ao obedecer a ordem divina, Mesa conquista os territórios mencionados e amplia a esfera de seu domínio. Ao mesmo tempo, nota-se que medida em que o rei moabita reconquista os territórios, Quemos estabelece sua residência nos mesmos. Assim, a divindade não está restrita ao santuário central, mas sua influência se estende até as fronteiras do território moabita.¹⁴

PERCEPÇÃO DA GUERRA

A perspectiva teológica da guerra, que exigia a destruição completa do inimigo derrotado como ato de devoção à divindade, é claramente expressa na Pedra Moabita. Nas campanhas militares de Mesa contra Atarote e Nebo, Mesa gaba-se de ter destruído totalmente a população dessas cidades. Em relação à Atarote, o rei moabita declara: “eu pelejei contra a cidade e a tomei. Eu matei todo o povo da cidade como satisfação (*ryt*) para Quemos e para Moabe” (II. 11-12). A noção de que tal campanha consistia em uma guerra sagrada revela-se claramente na afirmação de que “todo o povo” (*kl h^cm*) foi destruído, sendo tal ato considerado uma “satisfação” (*ryt*) para Quemos e Moabe (I. 18).

Tal concepção aparece também na campanha contra Nebo, onde expressa-se através da raiz semítica *hrm*, que significa devotar à destruição ou destruir totalmente. É o termo usado para denotar a destruição total do inimigo como um ato de devoção à divindade. No trecho transcrito abaixo, Mesa afirma: “Então Quemos disse a mim: ‘Vai e toma Nebo de Israel.’ Portanto, Eu parti durante a noite e pelejei contra ela desde o romper da manhã até ao meio dia. Eu a tomei. Eu matei a todos eles, sete mil homens e estrangeiros residentes, mulheres e estrangeiras residentes e escravas. Pois eu

¹⁴ Daniel I. Block, *The Gods of the Nations: Studies in Ancient Near Eastern National Theology*, 2nd ed. (Grand Rapids: Baker, 2000), 85.

a havia devotado à destruição para Astar Quemos.” (II 15-17). A expressão traduzida “eu a havia devotado à destruição” corresponde ao termo moabita *hhrmth*, constituído do verbo *hrm* em uma construção causativa, seguido do sufixo pronominal feminino em referência retrospectiva a cidade de Nebo.

É interessante notar que entre as várias cidades/localidades conquistadas por Quemos, somente Atarote e Nebo foram totalmente destruídas. A razão para tal preferência, possivelmente, deve-se ao fato de que estas cidades estavam sob o domínio israelita. A guerra, portanto, contra as mesmas assumiu uma dimensão sagrada, pois da perspectiva moabita, tratava-se de um confronto entre Quemos e YHWH. Por isso, ao serem subtraídas de YHWH, deveriam ser dedicadas a Quemos, o que se concretizou mediante o extermínio de sua população, ato entendido como devoção ao deus nacional.

A percepção da guerra refletida na Pedra Moabita revela significativos paralelos conceituais e verbais com as narrativas bíblicas das guerras de YHWH. Algumas batalhas travadas pelos israelitas no contexto da conquista da terra exigiram o extermínio das populações das cidades conquistadas (Jos 6:17–21; cf. 1 Sm 15:3). O exemplo mais notável encontra-se na narrativa da tomada de Jericó. Seguindo ordens de YHWH, os israelitas “destruíram totalmente (*wayyahārimu*), ao fio da espada, tudo quanto havia na cidade, homem e mulher, menino e velho, bois, ovelhas e jumentos.” (Js 6:21). Foram poupados apenas “toda a prata, e o ouro, e os vasos de bronze e de ferro,” pois deveriam ir para o tesouro do Senhor (Js 6:19). Em oráculo endereçado ao rei Saul, a ordem divina era: “Vai, pois, agora e fere a Amaleque, e o destrói totalmente (*wēhahāramtem*) com tudo o que tiver” (1 Sm 15:3).

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

As percepções religiosas refletidas na Pedra Moabita contém algumas semelhanças com o a religião normativa de Israel, tais como inferidas da Bíblia Hebraica.¹⁵ Especialmente as percepções moabitas a respeito da divindade, do culto, da terra e da guerra se aproximam da compreensão israelita dos mesmos elementos. Tais similaridades podem ser explicadas devido à influência mútua, favorecida pela proximidade geográfica dos reinos de Moabe e Israel e aos laços de parentesco entre os dois povos, atestado pela tradição histórica preservada nas Escrituras Hebraicas. Ademais, os moabitas foram periodicamente subjugados pelos israelitas, o que deve ter acarretado uma considerável influência da religião hebraica sobre o reino de Moabe.

PEDRA MOABITA

Eu sou Mesa, filho Qemos[yat], rei de Moab, o dibonita. Meu pai reinou sobre Moabe trinta anos e eu reinei depois de meu pai. E construí este lugar alto para Quemos em Qarhoh BMS', porque me salvou de todos os reis e porque me fez prevalecer sobre os meus inimigos. Omri era rei de Israel e oprimiu a Moab muitos dias, pois Mesa estava irado contra sua terra. E seu filho o sucedeu e disse (ele também): eu oprimirei a Moabe. Nos meus dias falou assim. Mas eu prevaleci contra ele e contra sua casa, e Israel pereceu totalmente para sempre. E Omri se apossou da terra de Medeba e habitou nela durante seus dias e metade dos dias de seu filho, quarenta anos. Porém, nos meus dias, Quemos habitou nela. E edifiquei Baal Meon e construí o reservatório e edifiquei Quiriataim. E os homens de Gade habitaram na terra de Atarote desde a antiguidade e o rei de Israel construiu para si Atarote. E pelejei contra a cidade e a tomei e matei todos os homens da cidade, uma

¹⁵ Ver Walton, John H., *Ancient Near Eastern Thought and the Old Testament: Introducing the Conceptual World of the Hebrew Bible* Grand Rapids: Baker Academic, 2006; Orlin, Louis Lawrence. *Life and Thought in the Ancient Near East*: University of Michigan Press, 2007; Morton Smith, "The Common Theology of the Ancient Near East." *Journal of Biblical Literature* 71 (1952): 135-147.

saciedade para Quemos e Moabe. E removi de lá o altar do amado dela e o transportei para a presença de Quemos em Querioté. E assentei nela a população de Saron e a população de Mahorat. E Quemos me disse: Vai e toma Nebo de Israel. E parti durante a noite e pelejei contra ela desde o romper da manhã até o meio-dia e a tomei e matei sete mil, nativos e forasteiros, nativas e forasteiras, e mulheres, pois os devotei à destruição para Astar Quemos. E tirei de lá os vasos de YHWH e os trouxe à presença de Quemos. E o rei de Israel havia construído Jaaz e habitava nela quando pelejou contra mim. Mas Quemos o expulsou de minha presença e tomei de Moabe duzentos homens, toda a unidade, e os levei até Jaaz e a tomei para anexar a Dibon. Eu edifiquei Qarhoh, o muro do parque e o muro da acrópole. E eu construí suas portas, e eu construí suas torres. E eu construí o palácio e eu fiz o reservatório duplo da fonte dentro da cidade. E não havia cisterna dentro da cidade, em Qarhoh, e (eu) disse a todo o povo: Fazei cada um de vós uma cisterna em sua casa. E eu excavei as valas com cativos de Israel. Eu edifiquei Aroer e eu edifiquei a estrada no Arnon. Eu edifiquei Bet Bamot, pois estava derribada. Eu edifiquei Beser com cinquenta dibonitas, pois estava em ruínas, pois toda Dibon era obediente. E eu reinei [. . .] cem nas cidades que eu anexei à terra. E eu construí Medeba, Diblataim, e a casa de Baal Meon, e levei para lá o T'N da terra. E Horonen habitou nela em [.] disse Quemos para mim: Desce e peleja contra Horonaim, e desci [.] nela Quemos nos meus dias e sobre [. . .] de lá [.]